

## EUGENISTAS E CULTURALISTAS NO ESTUDO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS EM PERNAMBUCO\*

### EUGENISTS AND CULTURALISTS IN THE STUDY OF AFRO-BRAZILIAN RELIGIONS IN PERNAMBUCO

*Zuleica Dantas Pereira Campos\*\**

#### RESUMO

Nosso trabalho tem como proposta problematizar o pensamento dos intelectuais que pensaram as religiões afro-brasileiras em Pernambuco na primeira metade do século XX. Dessa forma analisaremos o que fez as religiões de origem africana serem alvo de diferentes formas de relações, com os intelectuais, e que tipos de práticas e de saberes instituídos foram apropriados e reinterpretados por esses grupos religiosos no sentido de vencer resistências e fazer circular suas “práticas”. Os intelectuais são analisados através de duas vertentes: a primeira, formada por médicos psiquiatras que concebiam a questão do negro utilizando-se do aporte teórico eugenista; e a segunda, constituída por sociólogos, jornalistas, romancistas, antropólogos, entre outros, que pensaram essa problemática, numa perspectiva que tentava romper com a construção teórica, trocando o conceito de “raça” pelo de “cultura”.

**Palavras chave:** intelectuais, religiões afro-brasileiras, teorias, história da psiquiatria

#### ABSTRACT

Our work has as proposal to problematize the thoughts of the intellectuals that scrutinized Afro-Brazilian religions in Pernambuco on the first half of the twentieth century. Henceforth we will

---

\* Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2016, João Pessoa/PB.

\*\* Pós-doutora em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (2010). Doutora em História pela UFPE. Professora do Curso de História e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco. Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2533900166385959>. E-mail: [zuleica@unicap.br](mailto:zuleica@unicap.br).

analyze what made religions of African origin the target of different forms of relations with the intellectuals and what kinds of practices and knowledges were appropriated and reinterpreted by these religious groups in order to overcome resistance and circulate their " Practices. " The intellectuals are analyzed through two aspects: the first, formed by psychiatrists who conceived the question of black people using the eugenic theoretical contribution; and the second, made up of sociologists, journalists, novelists, anthropologists, among others, who thought of this problem, in a perspective that tried to break with the theoretical construction, changing the concept of "race" to "culture".

**Keywords:** Intellectuals, Afro-Brazilian religions, theories, history of psychiatry

## INTRODUÇÃO

Pretendo apresentar aqui os diversos discursos produzidos por intelectuais sobre as religiões afro-brasileiras, em Pernambuco, na primeira metade do século XX. Esses pensadores colaboraram para a construção de uma “etnografia religiosa afro-americana” uma vez que seus estudos fundaram a Antropologia, em Pernambuco. Neste trabalho, eles são analisados através de duas vertentes: a primeira, formada por médicos psiquiatras que concebiam a questão do negro, utilizando-se do aporte teórico eugenista; e a segunda, constituída por sociólogos, jornalistas, romancistas, entre outros, que pensaram essa problemática, numa perspectiva que tentava romper com a construção teórica anterior que denominei de culturalistas<sup>1</sup>.

O cenário aqui construído se estabelece principalmente a partir das ideias instituídas pela concepção político/social decorrentes do processo empreendido em 1930. Nesse período, foi elaborado um projeto político que soube persuadir a sociedade sobre a importância de uma nova ordem, centrada no Estado e delineada em diversos movimentos intelectuais. Uma parcela de intelectuais brasileiros, interessados em assuntos provenientes da Europa, indicava soluções objetivando resolver os problemas nacionais (OLIVEIRA, 1982).

## 1 O PENSAMENTO EUGÊNICO

---

<sup>1</sup> É importante ressaltar que a denominação culturalista não se refere à escola teórica assim denominada. Trata-se aqui apenas de uma categorização, denominada por mim, para operacionalização das discussões entre dois tipos de pensamentos debatidos neste trabalho.



O processo empreendido em 1930, no Brasil, levou ao poder, em Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti, o qual, nos primeiros dias de governo, implementou um vasto programa de reformas e realizações para o Estado. Impressionado com o elevado número de internos no único hospital de alienados então existente no Estado, a Tamarineira – convocou o médico psiquiatra Ulysses Pernambucano para dirigi-lo. Este, tinha grande reconhecimento nos meios intelectuais e políticos da época, conseguindo apoio do grande público, como também as simpatias de figuras representativas da elite intelectual para a causa dos loucos (COELHO FILHO, 1954).

Em 1931, Ulysses cria a Divisão de Assistência a Psicopatas de Pernambuco, quando operacionalizou todo um plano de assistência aos doentes mentais, fundando assim, um dos primeiros Serviços de Higiene Mental no Brasil. Nesse período, Ulysses aglutinou em torno de si um grupo de discípulos e formou a “Escola Psiquiátrica de Pernambuco” (Idem).

As instituições, práticas e técnicas produzidas por Ulysses e sua equipe, com a criação do SHM, em um único e mesmo movimento tornaram-se instrumento de uniformização moral e de denúncia social da loucura. Essa instituição pretendeu, em seu funcionamento, ser capaz de reduzir as diferenças, reprimir os vícios, extinguir as irregularidades. Ela se propõe a denunciar tudo o que se opõe àquilo que consideravam as virtudes da sociedade: a devassidão, o mau comportamento, a perversidade dos costumes, a preguiça, enfim, os males que interpenetram a loucura.

O Serviço de Higiene Mental era também um centro de estudos onde os adeptos das religiões de origem africana eram submetidos a uma “rigorosa observação” e a “exames mentais”, pretendendo-se, por essa via, estabelecer um “controle científico” sobre os cultos, controle este que deveria substituir a ação da polícia.

É com essa intenção que, em fins de 1932, é feito um acordo entre a Secretaria de Segurança Pública do Estado de Pernambuco e o Serviço de Higiene Mental, no sentido de que o “Serviço” garantisse a licença para o funcionamento dessas religiões; e em troca, os praticantes abririam suas portas aos psiquiatras do Serviço (CAVALCANTI, 1988).



Essa estratégia de tornar-se o órgão do Estado que passa a exercer o controle e a fiscalização, em substituição da polícia, era exercida em nome da saúde pública. O Serviço de Higiene Mental assume cuidadosamente a vigilância dos “centros”, ou seja, a tentativa de controle. É o discurso da competência da ciência médica, baseada nas teorias racialistas que dominavam a literatura médica.

Inspirado por essas ideias, o grupo de Ulysses inicia, em 1932, os estudos sobre as religiões afro-brasileiras, o espiritismo e as seitas panteístas dos negros, diferentes formas religiosas que tinham como denominador comum a possessão (LUCENA, 1978).

Ulysses estabeleceu, como parâmetro para o estudo do transe nas religiões populares do Recife, o aporte teórico divulgado por Nina Rodrigues, em seus estudos sobre o negro, na Bahia; e por Arthur Ramos, principal discípulo de Nina.

Não é um dado fortuito essa influência do pensamento de Nina Rodrigues, pois, ao que parece, Juliano Moreira, professor de Ulysses Pernambucano, foi grande admirador de Nina Rodrigues. Na sétima edição de “Os Africanos no Brasil”, Fernando Sales, ao final do livro, publica “Notas Bibliográficas de Nina Rodrigues”, e nelas aparece o nome de Juliano Moreira como tendo publicado importante pronunciamento, através da imprensa, lamentando a perda para o meio científico, com a morte de Nina, em 1906 (SALES, 1988).

Uma ideia presente nas concepções dos precursores no estudo da alienação mental no Brasil era a de que toda loucura seria hereditária. A essa ideia foi acrescentada a possibilidade de uma origem social da loucura, através dos “venenos” e “perigos sociais” capazes de deflagrar as manifestações das patologias mentais. O alcoolismo, a pobreza, a ignorância, a má alimentação, as práticas do baixo espiritismo começam a ser entendidos como possíveis responsáveis do desvario que atinge grande número de trabalhadores urbanos e rurais (CUNHA, 1986).

Para Beatriz Góes Dantas(1988), não é de estranhar o interesse do Serviço de Higiene Mental em estudar religiões centradas no transe, haja vista uma das preocupações de Ulysses em ser a face social da psiquiatria. Ele procurava relacionar as causas biológicas às sociais, como condições de vida, influências de raça, religiões, fetichismo, entre outros, na constituição da doença. Uma vez esses



fenômenos entendidos cientificamente e “controlados”, solucionariam os problemas de higiene mental.

Esse pensamento fica claro quando observamos os objetivos da Higiene Mental como sendo os de esclarecimento e educação do público sobre a natureza, a causa e a curabilidade das doenças mentais, e os meios de evitá-las, fazer a prevenção das psicopatias, de profilaxia da sífilis, baixo espiritismo, entre outros (CARRILHO, 1937). Como se pode perceber, as práticas de “baixo espiritismo” foram percebidas como um tipo de mal a ser sanado pelo Serviço, sendo introduzidas no discurso médico como equivalentes a qualquer outro problema de saúde encontrado no seio das populações carentes.

No Serviço, exigia-se a presença dos médiuns, os quais eram submetidos a exame clínico, determinação do quociente intelectual e perfil psicológico. Os médiuns eram convidados a se manifestar, e taquigrafavam as suas palavras. Após tais procedimentos, era entregue aos presidentes dos centros uma Portaria concedendo a estes, licença para o funcionamento dos cultos (CAMPOS, 2001).

A eugenia, teoria bastante utilizada no Brasil e no mundo nesse período, passa a se constituir o marco teórico central para esses estudos e a religião dos negros, que tinha como característica a possessão, ameaçava as práticas de higienização social que esses intelectuais tentavam implementar.

Convém lembrar que, tendo as ideias de Nina Rodrigues como mote, a possessão era interpretada como uma síndrome patológica, sendo então passível de interferência médica. Nina Rodrigues é considerado o iniciador dos estudos científicos sobre o negro no Brasil. E como se espera de um discípulo de Comte e Tylor, o racismo de Nina Rodrigues possui caráter evolucionista. Os africanos se encontrariam em estágio inferior de desenvolvimento, impossível de superar o ciclo histórico em curto prazo; era afirmado que o monoteísmo situava-se além da compreensão dos negros, e mesmo dos mulatos, os mais inteligentes, que, no máximo, atingiriam os limites do politeísmo (MOTTA, 1977-78).

Para Mariza Corrêa, o resgate do pensamento de Nina Rodrigues, na década de 1930, está diretamente relacionado à problemática da realidade nacional que eles redescobrem em seus estudos. É importante acrescentar, como lembra a autora:



O racismo de Nina Rodrigues (...) era partilhado por quase todos os intelectuais importantes de sua geração, os quais não só citavam os mesmo autores – de Buckle a Gobineau – como, colocavam a questão racial nos mesmos termos.(...) A tônica de suas manifestações era a analogia que esses intelectuais estabeleciam entre raça e nacionalidade e a definição de nosso povo como uma população de mestiços CORRÊA, 1982,p.37).

Ao se interessar sobretudo por aspectos patológicos da mestiçagem, Nina Rodrigues estava convencido da inferioridade dessa raça, tida como “produto da desigualdade do desenvolvimento filogenético<sup>2</sup> da humanidade”:

O critério científico da inferioridade da raça negra nada tem de comum com a revoltante exploração que dele fizeram os interesses escravistas (...) Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções.(...) Se a ciência não pode, pois, deixar de levar em conta, como fator sociológico, os prejuízos de castas e raças, em compensação nunca poderão estes influir nos seus juízos (RODRIGUES, 1988, p.5).

Para Nina Rodrigues, a possessão é a causa por excelência da verdadeira religião entre os negros. Possessão ou estado de santo era entendido como histeria. Assim, o controle do comportamento dos negros e de suas práticas religiosas seria da responsabilidade da medicina psiquiátrica.

Como segunda referência teórica para o estudo do transe, acolhida pela Escola Psiquiátrica do Recife, estão os estudos de Artur Ramos. Esse, por sua vez, reviu a interpretação da possessão pela via psiquiátrica concebida por Nina Rodrigues, que a entendia como histeria. Artur Ramos a considera um fenômeno muito complexo, ligado a vários estados mórbidos:

Pode ser aguda ou crônica. No primeiro caso,(...) temos aqueles processos, afins da histeria, onde se verificam os mecanismos motores de reação ancestral: ‘tempestade de movimento’ e ‘reflexo de imobilização’, e formas hipnóticas de pensamento, mágico-catatímicas, comuns da histeria, de estados sonambúlicos, hipnóticos, oníricos, esquizofrênicos, com modificações da consciência e da personalidade.

---

<sup>2</sup> Termo biológico que designa a história genealógica e o desenvolvimento evolucionário de uma espécie ou grupo (CAMPBELL, 1986. p. 257).



Nos casos sub agudos e crônicos, as perturbações demonopáticas e mediumnópáticas dos processos, acham-se ligadas ao automatismo mental, e vão desde fenômenos xenopáticos simples, até os delírios mais complexos, a base de influência (RAMOS, 1988, p. 198).

Concordava, assim, com a ideia central de Nina: a possessão era fenômeno patológico. Em seu livro, “O Negro Brasileiro”<sup>3</sup> (1988), Ramos acredita que o Brasil vive ainda em pleno domínio mágico. Por isso é importante conhecer as religiões, colocadas nos bastidores do inconsciente coletivo<sup>4</sup>, pois em todas as classes sociais o feiticeiro tem um prestígio imenso. Admite que o pensamento científico daquele momento ainda não é capaz de entender a psique coletiva do brasileiro.

Arthur Ramos empregava a teoria da mentalidade pré-lógica do primitivo de Lévy-Bruhl<sup>5</sup> e a psicanálise freudiana. Para Dante Moreira Leite (1983), essa proposta teórica destinada a compreender o inconsciente coletivo e a cultura brasileira, mostra como ele deformou as duas teorias que pretendeu empregar. Freud considerava as religiões como ilusão, mas não distinguia uma religião mais ilusória do que outra.

Essas ideias se encontram claramente defendidas nos artigos escritos por Ulysses, seu grupo e também por colaboradores de outros Estados que enviavam os resultados de suas pesquisas para serem publicados pela Diretoria do Serviço de Higiene Mental, na revista denominada “Arquivos da Assistência a Psicopatas”.

Ao se propor a dar continuidade, no Recife, à obra de Nina Rodrigues, já reiniciada na Bahia por Arthur Ramos, Ulysses empreendeu, juntamente com Helena Campos<sup>6</sup>, uma pesquisa sobre as doenças mentais entre os negros de Pernambuco<sup>7</sup>. Eles iniciam o trabalho afirmando que a estatística deveria ser a base de qualquer ação que se pretenda organizar em psiquiatria. O grande problema era se propor um

---

<sup>3</sup> Publicado originalmente pela editora Civilização Brasileira em 1934.

<sup>4</sup> Jung chama de “inconsciente coletivo” todos aqueles conteúdos psíquicos que não são peculiares a um só indivíduo, mas a muitos simultaneamente. Tais conteúdos são as “ideias coletivas místicas” do homem primitivo descritas por Lévy-Bruhl. (CAMPBELL, 1986. p. 109).

<sup>5</sup> Para Lévy-Bruhl, a mentalidade primitiva é dominada por representações coletivas que são alógicas no sentido em que tipicamente não consideram distinções de tempo, lugar, estado e ser. Lévy-Bruhl tentou mostrar que todas as sociedades possuem representações coletivas; os primitivos também as possuem, só que as suas tendem a ser mestiças e as nossas, críticas e científicas (EVANS-PRITCHARD, 1978).

<sup>6</sup> Monitora do Serviço de Higiene Mental.

<sup>7</sup> PERNAMBUCANO; CAMPOS, 1932.



acordo sobre a classificação das doenças mentais no mundo. O Brasil já dispunha de uma classificação única, fornecida pela Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina Legal, porém, a dificuldade do uso da estatística no país residia na omissão das raças que povoam a nação.

Com essa pesquisa, os referidos autores pretendiam apurar se as doenças mentais entre indivíduos negros são tão frequentes quanto nas outras raças. Também queriam saber quais e em que proporções são encontradas as diferentes doenças mentais nos negros internados no Hospital de Alienados. Nesse sentido, partem do pressuposto de que a situação social dos negros, em Pernambuco, é perfeitamente compatível com a da população pobre de outras raças, em que se recruta a maioria dos internados no Hospital.

Concluem o trabalho afirmando que a frequência de doenças mentais é maior entre os negros. Afirmam que os fatores sociais que podem influir na gênese e eclosão das psicopatias não explicam a maior morbidade entre negros: “Os negros são mais atacados pelos agentes tóxicos e infecciosos (alcoolismo e delírios infecciosos) que parecem encontrar cérebros menos resistentes (PERNAMBUCANO; CAMPOS, 1932, p. 127).”

Em 1935, três anos após a publicação desse artigo, Ulysses Pernambucano escreve, em conjunto com seus colaboradores<sup>8</sup>, um artigo cujo objetivo é verificar a percentagem de brancos, negros e mestiços na população do Estado de Pernambuco. Propõem que, tão interessante quanto estudar a saúde mental dos negros, seria uma pesquisa que se propusesse estudar a doença mental entre os mestiços (PERNAMBUCANO, et. al, 1935).

Aqui o discurso matemático, a partir de amostragens estatísticas, aparece no texto como uma imagem de credibilidade. Os números aparentam ser neutros, e a estatística parece provar tudo. Porém, percebemos, em ambos os textos, que não há nenhuma segurança quanto a esses números, inclusive apresentando fontes diversas. A utilização da estatística tem como pretexto confirmar o preconceito racial, sendo os indivíduos de raça negra portadores de “cérebros menos resistentes”. Desse modo,

---

<sup>8</sup> Arnaldo Di Lascio (interno do Hospital de Alienados), Jarbas Pernambucano e Almir Guimarães (da Liga de Higiene Mental de Pernambuco).



notamos que as teorias de caráter racista, propagadas por Nina Rodrigues, são reiteradas nos artigos de Ulysses Pernambucano e seus discípulos.

Essas pesquisas procuraram verificar a incidência e a prevalência de diversos tipos de doenças e sua distribuição “racial”. Os resultados a que chegaram apontavam a predominância - entre os negros e mestiços - das doenças mentais de origem toxinfeciosa (sífilis, alcoolismo, toxicomanias em geral), que corroboravam a ideia de serem, os negros, raças inferiores, portanto, causadoras dos principais males que circundavam as populações pobres nordestinas.

Além desses dois trabalhos publicados por Ulysses, em Arquivos, mais dois tratam especificamente da questão do negro. Um, de autoria de Gonçalves de Mello Neto (1933), em que o autor trabalha a influência da língua africana no Brasil. Cita os trabalhos de Nina Rodrigues sobre o assunto, no sentido de legitimar a sua importância e, como o mestre, tenta também um rápido esboço histórico da linguística da África. A razão do estudo são os trabalhos sobre o negro feitos pelo Serviço de Higiene Mental. Faz uma rápida referência aos tipos étnicos existentes na África, e chega à seguinte conclusão: “Apesar de ter convivido mais com o elemento branco do que o índio, o vocabulário que (o negro) nos legou é menor do que o que deixou o selvagem (MELLO NETO, 1933, p.184).”

Para Gilberto Freyre, Ulysses, ao tratar as chamadas “seitas africanas” iniciou uma obra de antropologia aplicada que só vigorou durante os últimos anos do governo Carlos de Lima Cavalcanti. O sucessor deste, Agamenon Magalhães, voltaria a procurar resolver o problema pela pura violência policial (FREYRE, 1966).

De 1934 a 1937, o Brasil caminhava para o autoritarismo. Denúncias, prisões e torturas marcaram o ano de 1935. Com o objetivo de abafar possível manifestação de protestos, é criada a Lei de Segurança Nacional. Dias depois de abortado o levante comunista, Ulysses Pernambucano foi preso como suspeito de ter tido ligações com o movimento subversivo. A partir daí não mais voltou a ocupar cargos públicos.



Em 1938, lançou a revista “Neurobiologia<sup>9</sup>”, que veio preencher uma lacuna deixada pelo desaparecimento de “Arquivos de Assistência a Psicopatas”, extinta um ano após a sua demissão da Tamarineira (CERQUEIRA, 1978).

DENTRE OS ARTIGOS PUBLICADOS NOS FINAIS DA DÉCADA DE 1930 E NA PRIMEIRA METADE DA DÉCADA DE 1940, APENAS UM SE DESTACA PELO CONTEÚDO VOLTADO ÀS PRÁTICAS DO SINCRETISMO AFRO-RELIGIOSO, E POR SUA LIGAÇÃO COM A DOENÇA MENTAL: “NOVAS INVESTIGAÇÕES SOBRE AS SEITAS AFRO-BRASILEIRAS”, DE GONÇALVES FERNANDES. SEU TEXTO VERSA SOBRE A QUESTÃO DA ACULTURAÇÃO RELIGIOSA NO BRASIL E O FENÔMENO DO SINCRETISMO. CITA JUNG PARA ANALISAR O FENÔMENO DE MIGRANTES ITALIANOS, JAPONESES, LIBANESES, ETC. SE ADAPTAREM ÀS PRÁTICAS DE ORIGEM AFRO-BRASILEIRA:

SE TRANSPORTARMOS IDEALMENTE UM GRUPO DE UMA RAÇA EUROPÉIA PARA UM SOLO ESTRANHO EM OUTRO CLIMA, VERIFICAREMOS QUE ESTE GRUPO HUMANO SOFRERÁ MODIFICAÇÕES DE NATUREZA PSÍQUICA E TALVEZ ATÉ FÍSICA DENTRO DE ALGUM TEMPO OU ALGUMAS GERAÇÕES MESMO MANTENDO A SUA PUREZA RACIAL (FERNANDES, 1940, p. 184).

APESAR DE AINDA PERSISTIREM, NOS DIZERES DO AUTOR, A PREOCUPAÇÃO COM A RELAÇÃO DESSAS PRÁTICAS RELIGIOSAS E A DOENÇA MENTAL, TAMBÉM COMO O EXERCÍCIO ILEGAL DA MEDICINA, UM OUTRO FATOR SE SOMA ÀS PREOCUPAÇÕES DO PSIQUIATRA: O SINCRETISMO, OU SEJA, A MISTURA DE VÁRIOS ELEMENTOS DE TRADIÇÃO RELIGIOSA.

A PARTIR DESSA ANÁLISE, PODE-SE PERCEBER QUE OS ESTUDOS SE REFEREM A DIVERSOS INTERVALOS DE TEMPO E INSTITUIÇÕES DIFERENTES (APESAR DE AGLUTINADAS EM TORNO DA FIGURA DE ULYSSES PERNAMBUCANO), POIS NÃO EXISTE UMA PREOCUPAÇÃO COM O RIGOR ESTATÍSTICO (ATÉ MESMO PELA AUSÊNCIA DE CERTAS METODOLOGIAS NA ÉPOCA) E NÃO SE UTILIZA UM MESMO PADRÃO DE IDENTIFICAÇÃO DA QUESTÃO RACIAL: FALA-SE

---

<sup>9</sup> A Neurobiologia encontra-se em atividade até os dias atuais.



GENERICAMENTE EM BRANCOS, NEGROS, PARDOS, MULATOS, AMARELOS, ENTRE OUTRAS DENOMINAÇÕES; E, POR FIM, COM RELAÇÃO ÀS DOENÇAS MENTAIS ENCONTRADAS ENTRE OS PRATICANTES DAS RELIGIÕES AFRO-UMBANDISTAS, AS CLASSIFICAÇÕES E CORRELAÇÕES SÃO AS MAIS DIVERSAS POSSÍVEIS, HAVENDO UMA MISTURA, PRINCIPALMENTE DO PENSAMENTO DAS ESCOLAS PSIQUIÁTRICAS FRANCESA, ALEMÃ E AMERICANA, COMO PODEMOS VERIFICAR NA BIBLIOGRAFIA UTILIZADA PELOS AUTORES.

LOGO, OS SABERES E AS INSTITUIÇÕES PRODUZIDOS POR ESSAS PRÁTICAS REMETEM A UM DISCURSO DE INTERFERÊNCIA DIRETA DO SABER MÉDICO PSIQUIÁTRICO ENTRE OS PRATICANTES DAS RELIGIÕES POPULARES, QUE SE CARACTERIZAM PELA POSSESSÃO. ESSA INTERFERÊNCIA É LEGITIMADA PELO DISCURSO PSIQUIÁTRICO DE CUNHO EUGENÍSTICO, FORMULADO POR NINA RODRIGUES, EM SEUS ESTUDOS SOBRE O NEGRO NA BAHIA, E QUE, POR SUA VEZ, DERIVA DE SUAS LEITURAS ACERCA DAS TEORIAS RACISTAS PROPAGADAS NO MEIO INTELLECTUAL, DESDE O SÉCULO XIX, CUJO PRINCIPAL MENTOR, NO CASO DE NINA RODRIGUES, FOI LOMBROSO, MÉDICO LEGISTA ITALIANO<sup>10</sup>.

## **2.0 PENSAMENTO CULTURALISTA**

PORÉM, SE ESSAS IDEIAS NÃO PODEM SER INDISTINTAMENTE ATRIBUÍDAS A TODOS OS PSIQUIATRAS DO BRASIL, TAMBÉM NÃO SE PODE AFIRMAR QUE O PENSAMENTO DA INTELLECTUALIDADE, EM PERNAMBUCO, COMPARTILHAVA DE FORMA HEGEMÔNICA COM ELE. A DIVERSIDADE DE PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE ESSE TEMA TAMBÉM ERA UMA CARACTERÍSTICA DESSES INTELLECTUAIS. É NESSE SENTIDO QUE, PASSO A TRATAR AGORA DO GRUPO DE INTELLECTUAIS, POR MIM DENOMINADOS CULTURALISTAS, QUE TINHAM COMO REPRESENTANTE

---

<sup>10</sup> Sobre o pensamento de Nina Rodrigues, vide: CORRÊA, M. 1982; COSTA, 1997. Entre outros.



GILBERTO FREYRE, OS QUAIS DEMONSTRAVAM PREOCUPAÇÃO EM ANALISAR ESSE MESMO TEMA, SOB UM OUTRO ENFOQUE, ESTABELECENDO OUTRAS RELAÇÕES.

Nesse sentido, pretendo analisar o significado e a importância que o sociólogo Gilberto Freyre atribuiu ao negro e as suas manifestações religiosas, na formação da cultura e da identidade no Brasil.

Aqui é importante ressaltar que entendo o conceito de identidade da forma como este é formulado por Ernesto Laclau. Para este, a identidade é um significante flutuante, ou seja, a identidade se constrói nas nossas relações com os outros. Ela é sempre movimento relacional. Esse relacionismo das identidades sociais aumenta sua vulnerabilidade quanto a novas relações e as torna sujeitas a ambiguidades (LACLAU, 1991).

As obras escritas por Freyre, nos anos de 1930, voltam-se à reinterpretação do passado nacional, aos estudos sobre as questões racial e cultural. No entanto, sua lógica racial é culturalizada (MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, 1996).

Seguindo essa linha de raciocínio, Ricardo Benzaquen tenta demonstrar que a leitura de “Casa Grande & Senzala”, sua obra mais conhecida, comprova que a noção de raça não se concentra em uma passagem localizada nem a um ou outro dos grupos sociais citados no livro. Ela se espalha e divide sua importância com o conceito de cultura, ao longo do texto (ARAÚJO, 1994).

Porém, as ideias divulgadas por Freyre na discussão intelectual de então, não se encerram por aí. No ano seguinte à publicação de “Casa Grande & Senzala”, 1934, organiza com seu primo, Ulysses Pernambucano, o Iº Congresso Afro-Brasileiro a ser realizado em Recife.

Ao defender a mestiçagem de nossa raça durante o Congresso, suscitou oposições não só racistas como também políticas. Da repercussão e do êxito alcançados no Congresso, veio a confirmação das suspeitas de sua suposta atividade subversiva. Tristão de Atayde, num artigo publicado na revista Fronteiras, escreve:

Aquele famoso Congresso afro-brasileiro, chefiado pela turma extremo-esquerdista de Gilberto Freyre, Ulysses Pernambucano,



etc., mostrou a preparação ideológica que se fazia para o movimento armado prestes a explodir (ATAYDE, 1936, p.5).

O autor concluiu o artigo afirmando que o Congresso foi francamente tendencioso, justas sendo as suspeitas com que o receberam os católicos.

No anos de 1936, Freyre publica “Sobrados e Mucambos”. Nessa obra, diferente de “Casa Grande & Senzala”, onde faz a apologia do africano como um todo, ressaltada a especificidade da população negra da Bahia: “...penetrada não só do melhor sangue que o tráfico negreiro trouxe para a América, como da cultura mais alta que transmitiu da África ao conhecimento americano (FREYRE, 1996. p.660)”.

No ano seguinte, 1937, escreve “Nordeste”, nele atribui as origens dos negros – escalonados segundo graus de desenvolvimento étnico e cultural – um peso muito grande na explicação do social e dos tipos psicológicos. Freyre termina por explicitar diferenças entre os baianos “dionisíacos” e os pernambucanos mais parecidos com os paulistas, diferenças que também se explicariam pelas origens dos negros africanos. Ao fazer uma comparação entre a população negra da Bahia e a de Pernambuco, a segunda levava desvantagem, pois, para ele:

...a colonização africana do extremo Nordeste não foi tão fina – nem do ponto de vista europeu de estética, nem do de cultura moral e material – como a sudanesa que abrilhantou e enriqueceu de modo especial a Bahia. Sobretudo a Bahia urbana. Mas foi dominado por um tipo de negro forte e plástico, embora inferior àquele em altura, delicadeza de traços e elementos de cultura. Geneticamente bom e tecnicamente já na fase agrícola: apto ao serviço da lavoura de cana que era o meio de seleção de negros para o Nordeste agrário (FREYRE, 1989, p. 142).

O negro pernambucano seria predominantemente banto, importado para atender às exigências de uma lavoura e de uma indústria que pediam vigor físico ao operário, enquanto na Bahia atendia também às necessidades urbanas, a desejos estéticos e amorosos.

A mistura, no texto de Freyre, de ideias culturalistas e evolucionistas pode ser explicada pela formação positivista que recebeu quando jovem. Freyre leu o pensador



francês Hippolyte Taine, que acreditava ser a história determinada pela raça, pelo meio e pelo momento. Também fez parte de sua formação as leituras de Auguste Comte que afirmava a existência de fases lineares de desenvolvimento humano e social.

Também é importante levar em consideração que, aos 16 anos, Freyre apresentou sua primeira conferência na cidade da Paraíba (hoje denominada João Pessoa) sobre “Spencer e o problema da educação no Brasil”. Herbert Spencer concebia a sociedade e o homem regidos pelo princípio da evolução (VENTURA, 2010).

Aqui podemos perceber o racismo de Gilberto Freyre, já que tenta explicitar as características do negro escravo de Pernambuco como condizentes com as suas finalidades. Dito de outra forma, mais uma vez Freyre tenta provar que o negro escravo, em Pernambuco, até nas suas atribuições físicas, era elemento fundamental não só para o trabalho no latifúndio açucareiro como no processo de “miscigenação democrático e harmônico” que ali se estabeleceu.

### **3.O EMBATE ENTRE OS PRIMOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dessa forma, fica clara a percepção que os trabalhos da Escola Psiquiátrica de Pernambuco, a qual denomino aqui de eugenista, sob a liderança de Ulysses Pernambucano, é influenciada pelas ideias de Nina Rodrigues e Arthur Ramos. Enquanto os trabalhos de Freyre e seus seguidores, os culturalistas, em todo o decorrer desta análise, fica claro que, apesar de propagar o conceito de cultura elaborado por Franz Boas, não consegue romper com o conceito biológico de raça. O que realizou em sua obra foi um deslocamento retórico do conceito de raça<sup>11</sup>, tentando substituí-lo pelo de cultura. Ao tentar substituir um conceito pelo outro, não conseguiu romper com o discurso racista que marcou o pensamento, no Brasil, da maioria dos intelectuais da época.

---

<sup>11</sup> Na perspectiva de Martinez-Echazábal, que entende que o conceito de raça pode ser qualificado mediante o uso de inúmeros adjetivos, de acordo com os interesses em questão e o substantivo utilizado.(MARTINEZ-ECHAZÁBAL, 1996).



Gilberto Freyre acredita ter erradicado a influência da Escola Psiquiátrica através de suas discussões com Ulysses, tendo-a substituído pela orientação do antropólogo americano Franz Boas, de quem foi aluno. Sobre a questão, relata:

...já depois de algum convívio entre nós me pôs na obrigação de contesta-lo, devido ao aspecto com que primeiro se apresentou esse seu interesse, através de pesquisas africanológicas que ele apreendeu por conta própria(...)Baseava-se, entretanto, na arcaica africanologia do aliás ilustre maranhense Raimundo Nina Rodrigues, fixado na Bahia, para quem o negro seria um inferior biológico, cuja presença, por isso mesmo, na formação étnico-social e sociocultural do Brasil, teria sido e continuaria a ser antes negativa do que positiva. Justamente a desorientação antropológica, contra a qual eu, (...)me preparava para investir. Foi intensa a nossa troca de informações e de critérios, desde os conceituais aos metodológicos, a esse respeito.(...) resultou, da parte dele, sobre o assunto, completa modificação de critério. Repúdio ao Ninarodriguismo (FREYRE, 1978, p. 133)

Em “Quase Política”, volta a afirmar:

Pois nos seus últimos anos – e creio não vangloriar-me em vão dizendo que em grande parte por influência minha e não de nenhum Herskovits, como às vezes se insinua – Ulysses deixava de ver o problema de tais sobrevivências pura expressão de ‘patologia social’, para considerar as culturas negro-africanas sob novo aspecto: sem preconceito que as deformasse em material apenas clínico (FREYRE, 1966, p. 19)

Tal repúdio não parece ter sido completo. Gonçalves Fernandes, discípulo de ambos, coloca a interpretação da possessão como um ponto de discordância de ambos:

A conceituação patológica, do ponto de vista da Medicina Mental, das possessões era ideia que dificilmente se podia erradicar da formação médica, estritamente médica dos psiquiatras de então, mesmo



daqueles como Ulysses Pernambucano, tão psicólogo experimental, tão psiquiatra social, tão renovador como jamais houve quem o fosse. Enquanto para um grupo ainda um tanto rígido as possessões eram encaradas como síndromes patológicas que mereciam cuidadosa observação por parte do Serviço de Higiene Mental, tentava o professor Gilberto Freyre dissuadi-lo, apresentando os estados de possessão não como se ensinava, mas como expressão de um passado cultural que eclodia em determinadas circunstâncias, favorecida por uma ação reflexa. Esse que é o conceito pacificamente aceito hoje em dia pelos antropólogos culturais mantinha-se, por aquele tempo, como uma das coisas que o Mestre Ulysses Pernambucano não aceitava do seu querido amigo e colaborador (FERNANDES, 1973, p. XXI-XXII).

É interessante também notar que, no âmbito da política estadual, estavam os dois primos organizadores do Congresso em posições opostas. Enquanto no processo apreendido em 1930, Gilberto Freyre foge para o exílio com o então governador Estácio Coimbra, representante da antiga ordem; o seu primo e parceiro na organização do Congresso é convidado pelo então interventor federal, Lima Cavalcanti, a fazer parte do seu governo, para implementação do processo de modernização do sistema psiquiátrico de Pernambuco.

Estácio Coimbra, governador de Pernambuco deposto no movimento de 1930, era usineiro e constituía o núcleo das classes dominantes em Pernambuco, em torno das quais giravam as políticas públicas. Já Carlos de Lima Cavalcanti, também usineiro e dono de dois jornais, sem o espaço pretendido no governo, transformou-se no principal opositor do Estado. Com a vitória armada de 1930, foi nomeado governador (SARMENTO, 1998).

Pretendi trabalhar as semelhanças, as contradições e os confrontos entre essas duas correntes, demonstrando que tanto *eugenistas* quanto *culturalistas* instituíram práticas que, por sua vez, foram apropriadas pelos adeptos dessas religiões, constituindo-se, assim, numa relação de influências múltiplas.



**As ideias da psiquiatria em Pernambuco, nos anos trinta, concebiam o negro e sua religiosidade como foco potencial de doença mental e, portanto, ameaça a construção de uma sociedade nacional sadia e desenvolvida; e as ideias de Freyre e dos culturalistas, tomavam o negro e a sua religiosidade como elemento central para a construção de uma sociedade miscigenada e ímpar, que se constituiu nos trópicos, cujo álbi, para o seu desenvolvimento se assenta na democracia racial.**

É importante lembrar que 1933 foi o ano de ascensão do nazismo ao poder na Alemanha. A questão racial colocava em discussão a “inferioridade racial” dos não arianos. A posição racista apoiava-se na ciência de generalizações deterministas. É bom, também, recordarmos que a Abolição da Escravatura no Brasil tinha pouco mais de 40 anos nesse período. Até então, a colonização do Novo Mundo fora baseada na concepção de um pretenso direito dos europeus de reduzir à escravidão índios e negros.

É dessa forma que esses estudiosos colaboraram de forma substancial para a construção de uma “etnografia religiosa afro-americana”. O constructo teórico veio da Europa pela via da medicina psiquiátrica; e dos Estados Unidos, através da antropologia cultural.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, R. B. de. **Guerra e Paz: Casa Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

ATAYDE, T. Gente do Norte. **Fronteiras**, Recife, v. 5, n.12, mar. 1936

CAMPBELL, R. J. **Dicionário de Psiquiatria.** São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CAMPOS, Zuleica D. P. **O combate ao Catimbó: Práticas repressivas às religiões afro umbandistas nos anos trinta e quarenta.** 2001. 315f. (Doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco Recife-PE, 2001.

CARRILHO, H. Ulysses Pernambucano e a Organização dos Serviços de Assistência a Psicopatas em Pernambuco. In: **Estudos Pernambucanos Dedicados a Ulysses Pernambucano.** Recife: Gráfica Jornal do Commercio, 1937.

CAVALCANTI, P. As Seitas Africanas no Recife In: **Estudos Afro-Brasileiros.** Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1988.



- CERQUEIRA, L. Ulysses Pernambucano meu Mestre In: **Ciclo de Estudos Sobre Ulysses Pernambucano**. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978.
- COELHO FILHO, H. **A Psiquiatria em Pernambuco**: origem e desenvolvimento da Assistência aos Psicopatas no estado de Pernambuco. Recife: Pernambuco, 1954.
- CORRÊA, Mariza. **As Ilusões da Liberdade**: a escola Nina Rodrigues e a Antropologia no Brasil. 1982. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.
- COSTA, I.S. **A Bahia já deu Régua e Compasso**: o saber médico legal e a questão racial na Bahia, 1890-1940. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1997.
- CUNHA, M.C. P. **O Espelho do Mundo**: Junquery, a história de um asilo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- DANTAS, B. G. **Vovó Nagô e Papai Branco**: usos e abusos da África no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Antropologia Social da Religião**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.
- FERNANDES, G. Novas Investigações sobre as Seitas Afro-Brasileiras. **Neurobiologia**, Recife, v. 3, n. 2, pp. 182-194, jun. 1940.
- \_\_\_\_\_. Prefácio à segunda Edição. In: FREYRE, G. **Problemas Brasileiros de Antropologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1973
- FREYRE, G. **Manifesto Regionalista**. 7. ed. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Quase Política**. 2. e.d. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.
- LACLAU, E. A Política e os Limites da Modernidade. In: BUARQUE DE HOLANDA, H. (Org.) **Pós-Modernismo e Política Cultural**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- LEITE, Dante M. **O Caráter Nacional Brasileiro**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LUCENA, José. Ulysses Pernambucano e sua escola de psiquiatria social. In: **Ciclo de Estudos Sobre Ulysses Pernambucano**. Recife: Academia Pernambucana de Medicina, 1978.
- MARTÍNEZ-ECHAZÁBAL, L. O Culturalismo nos Anos 30 no Brasil e na América Latina: Deslocamento Retórico ou Mudança Conceitual. In: MAIO, M. C. (org.) **Raça, Ciência e Sociedade**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CNBB, 1996.
- MELLO NETO, G. Do Negro. **Arquivos da Assistência a Psicopatas**, Recife, v. 3, n.2, p.177-187, 2º semestre. 1933.
- MOREIRA LEITE, D. **O Caráter Nacional Brasileiro**. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.



MOTTA, R. De Nina Rodrigues a Gilberto Freyre: estudos afro-brasileiros – 1896-1934. **Revista do Arquivo Público**, Recife, v. 31-32, n.33-34, p. 50-59. 1977-1978.

OLIVEIRA, L. L. et. al. **Estado Novo: Ideologia e Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PERNAMBUCANO, U.; CAMPOS, H. As Doenças Mentais entre os Negros de Pernambuco. **Arquivos da Assistência a Psicopatas**, Recife, v.2, n.1, p.120-127, abr. 1932.

PERNAMBUCANO, U. et. al. Alguns dados antropológicos sobre a população do Recife. **Arquivos da Assistência a Psicopatas**, Recife, v.5, n.1 e 2, p. 40-45, 1º e 2º semestre. 1935.

RAMOS, Arthur **O Negro Brasileiro: Etnografia Religiosa e Psicanálise**. Recife: FUNDAJ, editora Massangana, 1988.

RODRIGUES, R. N. **Os Africanos no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Ed. Nacional : [Brasília]: Ed. Universidade de Brasília, 1988.

SALES, F. Notas Bibliográficas de Nina Rodrigues. In: NINA RODRIGUES, R. **Os Africanos no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Ed. Nacional : [ Brasília ]: Ed. Universidade de Brasília, 1988.

SARMENTO, A. N. M. **Urnas & Baionetas: os comunistas na história política de Pernambuco – PE (1930-1935)**. 1998. Tese. (Doutorado em História) Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1998.

VENTURA, Roberto. A guerra das raças. In:\_\_\_\_\_. **Casa-Grande e Senzala**. Folha explica. 2.ed. São Paulo: Publifolha, 2010.

